

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium tri-
umphii Ecclesiae... in Christo Jesu.

ID. 13. 14.]



JERUSALEM

GUIMARÃES 30 DE MARÇO DE 1885

O Dinheiro de S. Pedro

VIMOS hoje dar conta aos nossos leitores, que subscreveram para o *Dinheiro de S. Pedro*, por via d'esta redacção, do cumprimento dos nossos deveres, publicando na pagina seguinte a honrosa carta com que a muita bondade e nosso Venerando Prelado approuve honrar-nos.

Pouco foi o obolo que o *Progresso Catholico* pôde juntar para enviar ao nosso Santissimo Padre, preso no Vaticano e espoliado dos seus bens pelos corripheus da Revolução; mas esse pequeno obolo, esse mesmo pouco, foi recompensado largamente e sel-o-ha ainda

mais. Foi recompensado, porque obtivemos piedosos leitores para que este ana- vemos para nós e para todos os subs- no possamos juntar maior quantia par- criptores a Benção do respeitavel Pri- enviar ao Prisioneiro da Revolução, ao maz das Hespanhas; sel-o-ha ainda mais Martyr do Vaticano, ao Representante porque S. Exe.^a Revd.^{ma} nos promette d'Aquelle que azorragou no templo os solicitar a Benção Apostolica do SS. Pa- vendilhões, com o azorrague que ainda dre Leão XIII. hoje deve ferir os atheus que se que- rem arvorar em Censores dos Bispos, sem ao menos saberem a doutrina christã.

Foi grande a nossa alegria ao rece- ber, com a carta que em seguida publi- camos, a Benção Pastoral; mas será tam- bem, e de mais regosijo ainda o dia, em que o nosso Venerando Prelado se digna enviar-nos a Benção de Sua San- tidade.

Agradecendo ao nosso bondosissimo Prelado tantas provas de estima, pedi- mos a Deus nosso Senhor nos faça di- gno d'ellas e mova os corações dos nos-

Dae, leitores, do pouco que tiverdes, uma esmola para o nosso Pae prisio- neiro.

Teixeira de Freitas.

CARTA DE SUA EXC.^a REVM.^a O SENHOR ARCEBISPO PRIMAZ
AO DIRECTOR DO «PROGRESSO CATHOLICO».

..... Sr.

Accusando a recepção da collecta que a illustre Redacção do Progresso Catholico promoveu e arrecadou para o Dinheiro de S. Pedro durante o anno de 1884, na importancia de vinte e nove mil duzentos e quarenta reis = Reis 29\$240, que faremos em tempo chegar ao seu destino tão santo, não podemos deixar de louvar o zelo piedoso d'essa illustre Redacção e o seu filial amor e dedicação para com a Santa Sé, a quem supplicaremos em tempo opportuno a graça da Benção Apostolica, não só para a mesma Redacção e Administração, mas para todos os piedosos subscriptores, concedendo-lhes Nós desde já, em testemunho de gratidão, a Nossa benção pastoral.

Deus Nosso Senhor dirija e prospere a illustre Redacção e Administração do Progresso Catholico.

Paco de Braga 2 de março de 1885.

..... Sr. José Antonio Teixeira de Freitas, Administrador do Progresso Catholico.

Antonio, Arcebispo Primaz.

DOM AUGUSTO EDUARDO NUNES, por mercê de Deus e da Sancta Sé Apostolica Arcebispo Titular de Perga, Coadjutor com futura successão do Arcebispo d'Evora, Doutor na sagrada Theologia pela Universidade de Coimbra, etc.

Ao Illustríssimo e Reverendíssimo Cabido, Muito Reverendos Vigarios da Vara, Reverendos Parochos e Clerigos, e a todos os fieis da Archidiocese Metropolitana d'Evora.

SAUDE E BENÇÃO EM JESUS CHRISTO
SALVADOR NOSSO.

«Eccē nunc tempus acceptabile: ecce nunc dies salutaris.»

(Continuado do n.º antecedente)

Não sejaes portanto, amados filhos, não sejaes ingratos e indifferentes a tão grande beneficio. Aproveitae-vos da amnistia geral que no tribunal da Penitencia nos é offerecida. Por muito graves e vergonhosas que sejam vossas culpas, não as occulteis ao medico de vossas almas. Mostrai as chagas que affeiam vossas almas, aos Sacerdotes (1), que representam a Deus, e d'elle recebem o poder de vos curar.

Não, não ha peccado de que não possais alcançar perdão: porque, se é grande a vossa miseria, infinitamente maior é a Clemencia Divina, e onde abundou o delicto, superabundará a graça (12).

Experimentai os doces fructos d'uma confissão bem feita, e reconhecereis como é grande o prazer de vos sentirdes de novo amigos de Deus, isentos do remorso que vos torturava, livres da confusão que vos opprimia, soltos das cadeias do demonio, salvos das penas infernaes.

E se quereis gosar consolações ainda mais vivas, ide, depois de purificados pela absolvição sacramental, ide ao Banquete eucharistico, approximai-vos da meza sagrada, onde se vos offerece o Pão dos Anjos, o alimento divino, o Corpo e Sangue do Homem-Deus.

Quantos mysterios, quantas maravilhas, que thesouro de graças, que manancial de benções, que oceano de amor se não encerra n'este Augustissimo Sacramento dos nossos altares! Não ha meio de santificação mais poderoso, do que a digna participação d'este Sacramento mil vezes bemdito, mil vezes adoravel.

O desejo da Igreja, e tambem o Nosso, seria que com frequencia vos ap-

(12) «Vade, ostendo te sacerdoti.» (MATTH VIII, 4).

(13) «Ubi autem abundavit delictum, superabundavit gratia. (ROM V, 20).

proximasseis, amados filhos, da sancta meza, e commungasseis com as devidas disposições e ardente fervor.

Mas, ao menos, não deixeis, n'este periodo de preparação para a solemnidade da Paschoa, não deixeis de fortificar vossas almas com a Sanctissima Eucharistia!

Que ingratidão seria a nossa, se desprezassemos os beneficios incalculaveis da participação do Pão Vivo descido do Céu! Lembremo-nos sempre que o Divino Salvador prometteu a vida eterna áquelles que se alimentarem d'este Maná substancial (14). Mas recorde-mos ao mesmo tempo aquella formidavel advertencia do Apostolo S. Paulo: «Aquelle que indignamente e sem discernimento recebe o corpo do Senhor, come e bebe a sua propria condemnação.» (15)

A vós, portanto, RR. Parochos, amados irmãos e cooperadores nossos, a vós incumbe este duplo e importantissimo dever de incitar e attrahir os fieis ao tribunal da Penitencia e á meza da Eucharistia, e de os preparar convenientemente para que elles rezebam com fervor e com fructo estes saluberrimos sacramentos.

Para conseguirdes este fim, é mister que não descureis o ensino da doutrina christão ás creanças e a explicação do Evangelho aos adultos.

A catechese da puericia é uma das vossas mais sagradas e mais proficuas obrigações. O Parocho que tiver o condão de se fazer amar e respeitar pelos meninos; que, imitando o Divino Mestre, gostar de se ver rodeado d'elles (16) e lhes souber alumiar as intelligencias embryonarias e educar os corações tenros: o Parocho que conseguir formar e avigorisar na virtude e na piedade aquellas almas juvenis, ainda não manchadas pelo halito do mundo, terá regenerado em alguns annos a sua freguezia, e será coberto de benções por todos os seus filhos espirituaes.

É necessario tambem que cuideis com toda a sollicitude na preparação dos meninos para a primeira communhão: logo que elles tenham a descreição sufficiente para conhecerem e crearem o grande e infavel mysterio que vão receber, e estejam devidamente instruidos nas verdades da nossa Sancta Religião, não de ve impedir-se-lhes nem retardar-se-lhes a aproximação da Sagrada Meza.

É muito convém que a primeira communhão dos meninos se faça com a so-

(14) «Ego sum Panis Vivus qui de coelo descendit: si quis manducaverit ex hoc pane, vivet in aeternum.» (JOAN. VI, 51, 52).

(15) «Qui enim manducat et bibit indigne, judicium sibi manducat et bibit, non dijudicans corpus Domini.» (I. COR XI, 29).

(16) «Sinite parvulos, et nolite prohibere eos venire ad me: talium est enim regnum caelorum.» (MATTH XIX, 14)

lemnidade e pompa compativel com os recursos de cada freguezia.

Com effeito, é tão importante esse acto, é de tão commoveadoras impressões e de tão grata recordação esse dia, que bem desejavel seria revesti-lo dos encantos e magicos attractivos do culto catholico. A renovação dos votos do baptismo, feita em commum pelos meninos juncto ao baptisterio; o pedirem publicamente perdão aos paes e mães: breves praticas doutrinaes de preparação e acção de graças, seriam actos muito edificantes e de saudavel exemplo. A isto conviria, que accrescesse, quanto possivel, o fazer-se esta cerimonia em dia festivo e com algum apparatus.

Sabendo porém que são grandes as dificuldades que alguns Reverendos Parochos encontrariam na realisação d'este Nosso desejo pela pobreza e pequenez de suas freguezias, não ordenamos, mas muito recommendamos e aconselhamos aos que poderem levar a effeito uma festa tão sympathica, que não percam tão favoravel ensejo de ganharem o affecto de seus parochianos, e de estreitarem os laços que devem vincular o Pastor á sua grei.

Alem dos Sacramentos da Penitencia e Eucharistia, ha um outro meio poderoso de sanctificação, que todos os fieis devem apreciar com gratidão e aproveitar com fervor,—as indulgencias.

Recordar-vos-emos aqui succintamente os principios da doutrina catholica sobre esta materia, segundo a notavel Bulla *Unigenitus Dei Filius*, do Sancto Padre Clemente VI, um dos mais valiosos documentos emanados da Cadeira Apostolica.

Todo o peccado grave traz consigo duas funestas consequencias, a *mancha* da alma, que fica privada da graça e indigna da herança celestial, e a *divida* contrahida para com a suprema Justiça: ou, segundo a terminologia theologica, o *reato da culpa* e o *reato da pena*.

Se um peccador devidamente disposto confessar as suas iniquidades ao Ministro de Christo, a absolvição sacramental, como que junctando uma gôtta do sangue do Redemptor ás lagrimas do penitente, apaga e anniquila a nodoa que conspueava essa alma, e restitue-lhe a vida sobrenatural e a belleza primitiva. Mas não acontece outro tanto com a *divida*: é certo que o peccador, reconciliado e absolvido, já não tem a pagar a pena eterna: fica todavia ainda sujeito ás penas temporaes, cuja satisfacção Deus lhe exigirá n'este mundo ou no outro.

Porém, para occorrer a esta necessidade, e para supprir a nossa miseria, possui a Igreja um opulentissimo thesouro espirital de satisfacções superabundantes.

Com effeito, todas as boas obras dos justos, todos os sacrificios dos sanctos,

todas as victorias dos martyres, têm dois valores distinctos,—o valor *meritorio* e o *satisfactorio*. O *merito* obtem sempre uma recompensa exclusivamente pessoal, que é o augmento dos graus de gloria accidental no céu. A *satisfacção* porém, quando for excedente á vida, deixa de aproveitar áquelle que pratica a boa obra. Ficará então inutil e improficua? Não: entra no thesouro commum da Igreja.

Este thesouro é d'um valor infinito: porque d'elle fazem parte todos os actos satisfactorios da vida, paixão e morte de Jesus Christo nosso Salvador.

O Filho de Deus, innocente e impeccavel por natureza, offerecendo-se como Victima expiatoria ao Eterno Paó, e vertendo no lenho bemdicto da Cruz não uma góttá unica de sangue, que seria aliás sufficiente para remir todo o genero humano, mas ondas copiosissimas, todo o seu sangue precioso, mas cuja effusão não podia ser vã nem superflua, adquiriu para a Igreja militante um thesouro inexgotavel.

A este capital immenso junctai os valores provenientes das virtudes excelsas da Sanctissima Virgem Mãe de Deus, e das acções virtuosas e heroicas, expiações, penitencias, orações, jejuns, tormentos, martyrios de todos os escolhidos, de todos os sanctos, e tereis formado uma ideia approximada do opulentissimo thesouro espirital da Igreja.

E' tambem um principio incontestavel que os bens d'uma comunidade podem e devem ser distribuidos aos membros d'ella pela auctoridade do seu presidente. Ora, o presidente, o chefe, o primeiro e supremo Hierarcha da Comunidade Christã, quem é, senão o Summo Pontífice? E' portanto ao Summo Pontífice que compete o direito de applicar os valores satisfactorios de que é dispensador, e o poder de os fazer aproveitar aos fieis, que d'elles não mister, mediante as condições, que á sua prudente sabedoria aprouver designar e exigir. Por outras palavras, ao Vigario de Christo, como Ecónomo da Igreja, pertence legitimamente o poder de remir os fieis das penas temporaes, por meio da concessão das indulgencias.

Foi em virtude d'este poder, e usando da sua magnificencia, que os Summos Pontífices Gregorio XIV e seus successores concederam aos fieis da Nação Portugueza as indulgencias, graças e privilegios importantissimos que constam da *Bulla da Sancta Cruzada*. Por esta preciosa Bulla, uma indulgencia plenissima e remissão de todos os peccados, equal á que se costuma conceder no anno Sancto do Jubyleu, é offerecida a todos os fieis, residentes em Portugal e seus dominios, contanto que dêem a esmola determinada, e contrictos confessem suas culpas e communguem, ou, não

podendo confessar-se e commungar, ao menos o desejem do coração.

Vêdes, amados filhos em Jesus Christo, vêdes como a Bulla da Sancta Cruzada, em troca de preciosissimos dons, exige apenas condições facillimas, obrigações suavissimas.

Além da confissão e communhão, já aliás preceituadas annualmente, só é necessario dar uma modicissima esmola, proporcional aos haveres de cada um, e sempre ao alcance de todas as fortunas, de todas as condições sociaes, ainda as mais humildes.

Entretanto, talvez mais de uma vez tenhaes por ahí lido ou ouvido dizer que este rendimento da Bulla, proveniente das esmolas dos fieis, é destinado á Corte de Roma: que é um imposto que se paga ao Pontífice:—e outras asserções por equal infundadas e calumniosas.

Não lhes presteis crédito. A applicação dos rendimentos da Bulla é legitima e utilissima, não só á Igreja, mas ao Estado; porque o pequeno obulo offertado pela espontaneidade religiosa dos povos vai subsidiar as necessidades dos Seminarios, d'esses estabelecimentos importantissimos, ou melhor, necessarios, onde se educam e preparam os futuros ministros da Religião: vai auxiliar as vocações dos alumnos do Sanctuario, e sustental-os durante os longos annos da preparação para o sacerdocio: e o remanescente é destinado a subsidiar o culto nas igrejas pobres, infelizmente tão numerosas n'este Archbispaço.

A importancia e necessidade dos Seminarios é de facil comprehensão. E' uma verdade reconhecida por todos os espiritos esclarecidos e rectos, e brillantemente confirmada pela experiencia universal, que a Religião é o mais firme sustentaculo da moralidade e da solida prosperidade d'um povo. Ninguem de boa fé pôde contestar este principio: luminoso como o sol, impõe-se a todas as consciencias.

Já um philosopho da antiga Grecia dizia: «A ignorancia do verdadeiro Deus é para os Estados a maior das calamidades; e tudo o que derriba a Religião, destrõe ao mesmo tempo o alicerce de toda a sociedade humana.» Que força, que efficacia poderiam ter as leis para sustentar e promover a ordem e harmonia social, para prevenir os abusos e reprimir os delictos, se os homens não vissem na lei mais que a expressão da vontade arbitraria de outros homens? Que proveito tirariam os legisladores e imperantes da comminação e imposição de penas, se os subditos não entrevissem e acreditassem n'uma vida futura, em que um Legislador justissimo ha de remunerar condignamente todas as acções, sem as incertezas, defeitos e iniqualdades da justiça humana?

Por isso, acertadamente diz um illustre philosopho catholico: «Com o obscurecimento ou a quêda da idéa divina, obscurecem-se e caem as sanctas noções de direito e dever, de auctoridade e liberdade, de justiça e responsabilidade, de dignidade e força moral, que são a alma e a vida dos corpos sociaes. E se ha facto que a historia das modernas revoluções atteste com fulminante evidencia, é a absoluta impossibilidade de andar, com alguma estabilidade, bons costumes sem moral, politica sem Religião, sociedade sem Deus.»

Ora, para que a Religião se mantenha, se propague, se desenvolva e possa attingir os seus nobilissimos fins, carece de ministros idoneos; e para os obter precisa dos Seminarios.

A dignidade do Sacerdocio demanda graves estudos e penosas fadigas, exige uma sciencia solida: um conhecimento perfeito das sublimes funções que lhe são inherentes: e esta sciencia, estes conhecimentos, quem os proporcionará aos jovens levitas? Onde encontrarão elles a instrucção, que aperfeiçoa e cultiva a intelligencia: o remanso da paz, que favorece o estudo; a disciplina que produz os habitos da ordem, do trabalho e da pontualidade; a educação, que melhora, dirige e affeição ao bem os tenros corações da adolescencia e da juventude; os bons exemplos que estimulam e fortificam todas as virtudes; enfim todas essas graças e beneficios, que são como outros tantos fructos preciosos colhidos da arvore da vida?...

E o despreendimento das cousas terrenas, a dedicação aos interesses das almas, a abnegação, os transportes do zelo e da caridade, onde poderão haul-os os futuros sacerdotes?...

No meio da sociedade actual? No seio das familias? E' impossivel. O proprio Jesus Christo, sendo Deus, como era, e retirou se para o deserto, antes de emprehender a sua missão celeste; e os candidatos ao sacerdocio poderiam conservar-se intactos e ficar incolumes entre o bulicio e a effervescencia do mundo,—do mundo, que vitupera tudo quanto não corrompe; do mundo, que de dia para dia parece conjurar com maior ardôr os seus esforços para repellir de si a Deus e ás cousas de Deus; do mundo, que cada vez mais se affasta da Religião?...

Não, não pôde ser. E' necessario que os levitas da Nova Lei encontrem asylos onde adquiram a sciencia e se robusteam na virtude.

Vêdes, pois, amados filhos em Jesus Christo, em quam proveitosos fructos se desentranha o modesto obulo que se vos pede, como condição para vos aproveitardes dos dons e privilegios da Bulla da Cruzada.

Vêdes quam elevado e profiquo é o

fim a que vossas esmolas são applicadas. Este fim, em summa, é a educação e formação de bons Sacerdotes; e por este meio, a sanctificação dos fieis, a glorificação de Deus, a perpetuação da Igreja, a moralisação dos povos, a reforma dos costumes, a observancia das leis, o restabelecimento da disciplina christã, a elevação do nivel da dignidade moral, a dilatação do imperio divino no mundo, e por ultimo, a salvação eterna das almas.

De vós, amados irmãos e cooperadores nossos, de vós esperamos que exhorteis os fieis, em publico e em particular, na cadeira e no confessionario, a que aproveitem a concessão liberalissima do Summo Pontifice, e tomem a Bulla da Santa Cruzada.

E' nosso fervoroso desejo promover a prosperidade moral e material do Seminario d'esta Archidiocese. Mas como enprehender melhoramentos dispendiosos, como aperfeioar os diversos ramos de administração, como organizar e dotar convenientemente os quadros de estudos preparatorios e theologicos, sem recursos pecuniarios muito superiores á exigua receita annual d'aquelle estabelecimento?

Estes recursos podem e devem vir do cofre da Bulla, e não Nos escassêa a confiança na illustrada sollicitude do Excellentissimo Bispo de Bethsaida actual Commissario Geral: entretanto, mais facil e mais justamente serão attendidas as Nossas supplicas, se crescer sensivelmente n'este Arcebispado o producto da mesma Bulla. Recommendamos com viva instancia este objecto a todos os que têm cura d'almas e a todos os confesores.

E a todos vós, amados filhos em Jesus Christo, Exhortamo-vos a que não desprezeis as graças do Senhor, as consolações da fé e os beneficios da Igreja. Triste aberração, lamentavel cegueira seria que o homem, tam fraco, tam mesquinho, tão propenso ao mal, tão exposto a fataes quedas, rodeado de tantos perigos, exposto a ser chamado subitamente ao tribunal divino, engeitasse os auxilios que a Religião lhe concede, para o encaminhar na senda da sanctificação e o conduzir á patria do Céu.

Permitta o Senhor de infinita misericordia que a Nossa voz encontre echo em vossas almas, e o Nosso paternal affecto não seja indifferente a vossos corações!

Permitta a Bondade suprema que comprehendais desde hoje quanto importa trabalhar na grande obra da vossa salvação eterna! Tudo o mais é vaidade e tormento de espirito. (17)


Servir a Deus é nosso destino n'esta

(17) «Vanitas vanitatum et omnia vanitas et afflictio spiritus.» [ECCLES. I. 2]

vida; glorifical-o e amal-o eternamente na outra deve ser a nossa aspiração unica.

Esta Nossa instrução pastoral será registrada na Camara Ecclesiastica e enviada a todos os Reverendos Parochos, para que a leiam á estação da missa conventual e a registrem no livro competente.

Dada no Passo Archiepiscopal d'Evo-ra, sob Nosso signal e sello, aos 14 de fevereiro de 1885.

Logar  do sello.

† AUGUSTO, ARCEBISPO DE PERGA.
Joaquim Augusto da Fonseca, Secretario.

SECÇÃO RELIGIOSA

Os exercicios espirituas do clero da Diocese d'Angra do Heroismo em 1884

Discurso pronunciado no 2.º dia de manhã pelo Vigario de S. Sebastião—
Manuel José dos Santos Peixoto.

Ecce nunc tempus acceptabile, ecce nunc dies salutis

II. Cor. VI. 2

Ducam eam in solitudinem, et loquar ad cor ejus.

Oscas II. 11.

Continuado do n.º antecedente

Reverendissimos Senhores.

PRIMARIAMENTE, digo, que todos e cada um de nós, seja qual for o grau de graça e estima em que nos possamos achar para com Deus nosso Senhor, quer sejamos propriamente peccadores quer tibios ou fervorosos, nenhum deixa de haver mister, ou para pacificar a sua consciencia, ou para augmentar a sua sanctificação, de se dispôr devida e interiormente em ordem a poder fruir a graça especial que os santos exercicios lhe garante, mediante esta indispensavel condição.

Assim o recurso a Deus, deve antes de mais nada preceder os nossos primeiros passos, no ingresso para esta ubençoada missão.

E' esta a primeira disposição, que nos cumpre tomar, para que ella nos seja fructuosa.

E sel-o-ha, na verdade se do coração exorarmos ao Senhor, para que nos conduza, nos guie a alma, e illumine o espirito, fallando-nos ao coração: *Ducam eam in solitudinem, et loquar ad cor ejus.*

Como filhos de Deus, e ministros de seu augusto Filho, deve-

mos tornar-nos dignos d'estas qualidades, prescindindo de todo e qualquer motivo puramente humano, que nos haja podido induzir aos mesmos exercicios, nem cedendo á violencia, nem condescendendo com o costume, nem satisfazendo a uma pura formalidade.

Fracos e impotentes por natureza, reconhecendo a nossa debilidade e miseria, quem senão Deus nosso Senhor nos poderá amparar e conceder auxilios, em meio da lucta tremenda em que nos achamos empenhados com os formidaveis inimigos que nos cercam e accomettem dia e noite?!

Ai!—o mundo com os seus exemplos, o seculo com a sua corrupção, a sociedade com os seus devaneios, os poderes da terra com as suas ameaças ou blandicias, o archanjo das trevas com os seus laços, a propria sensualidade com os seus gosos, as memorias do passado, com os deleites e saudades da juventude,—que suggestões! que perigos! que tentações!—

A quem recorrer por tanto, em tão gravissimas conjuncturas, a quem recorrer, outra vez direi, senão a Vós, meu Deus, que á omnipotencia unis a misericordia, que vos apraz em todo o tempo dispensar ás vossas creaturas?

Sim, Senhor; é por isso mesmo que a Vós nos dirigimos, é a Vós a quem invocamos e recorreremos, porque esta soledade para Vós nos chama; é n'ella que nos quereis fallar; assim o promettestes: sacratissimas são as vossas promessas; mais facil deixarão os ceos e a terra de existir do que ellas se cumprirem:—*Ecce ego lætabo eam... et loquar ad cor.*—

Ao recurso divino, segue-se a docilidade do espirito, segunda disposição interior, que a todos nos é precisa, para aspirar o odor, e gostar o fructo dos santos exercicios.

Por mais illustrados que nos imaginemos, se a nossa intelligencia rebelde e ingrata recusar convir nas verdades eternas, que no seu curso nos hão-de ser propostas; se pela critica ou pelo sophisma, ou quaesquer outros sentimentos, tanto hostis como indifferentes, invalidarmos a força do verbo divino, que tem de nos ser annunciado; se nos

deixarmos possuir da distração, ou tédio, no acto das nossas meditações; se nos revoltarmos em summa contra aquelle ou aquelles que em Deus, e por Deus nos procurarem despertar, evocando-nos á consideração do tremendo — *Redde rationem* — a que seremos todos um dia chamados: e — como será curada então a nossa pobre alma dos males que a amarguram: — como venceremos os atritos moraes do nosso coração, tantas vezes dolorosos e sangrentos; como poderemos haster o lábaro das nossas crenças, — da nossa fé, — superior ao balsão da razão sempre irrequieta e orgulhosa?!

(Continúa.)

SECÇÃO SCIENTIFICA

As conferencias quaresmaes na Sé do Porto em 1881

POR MONSENHOR RODRIGUES VIANNA

V

O Apostolado do Clero em face da — Fraternidade social

(Continuado do n.º antecedente)

FIGURAE-VOS a planta esteril. *Parasyta*, que só vive para absorver em si mesma toda a seiva que lhe é propria, e a que vai haurir nas plantas que a rodeiam, sem brotar uma só flor que embalsame, nem produzir um só fructo que delicie: figurae-vos. . . E' assim o coração, em que predomina a força concentrica, o movimento do amor exclusivo. E' um coração *parasyta*, que vive, ou antes vegeta, só para absorver e consumir nos gosos da sua mesma entidade tudo quanto lhe é proprio, e tudo o que pôde haurir na vida dos demais corações, sem produzir coisa alguma das que balsamizam uma dôr, ou delicias as agruras da humanidade, que peregrina atravez d'um valle de lagrimas.

Figurae-vos agora a bella arvore vicejante na espessura da floresta, que se compraz em alimentar com a sua propria seiva as novéis e tenras plantinhas, que pullulam em torno d'ella, desentranhando a seiva opulenta que ainda lhe resta, em mimosos raios de perfumadas flôres, e na preciosa corda de saborosos fructos: figurae-vos. . . E' assim o coração, em que predomina a força expansiva, o movimento do amor diffusivo. E' um coração que vive menos de si do que de aviventar os outros, comprazendo-se em empobrecer-se para alentar com o seu proprio alento todos os orações famintos que d'elle se approximam, e que desentranha e exhaure toda a sua sei-

va vital em tornar feliz a humanidade com as perfumadas flôres das suas virtudes, e os preciosos fructos do seu immenso bemfazer.

Como chamaes vós a estes dous corações tão differentes, tão perfeitamente antinomicos? Com certeza já os tendes denominado no segredo do vosso pensamento. Ao primeiro, que vive só para si, concentrado todo na mesquinheza d'um amor puramente exclusivo, chamaes-lhe um coração egoista. Ao segundo, que vive para todos, excepto para elle mesmo, dilatando-se nas beneficas expansões d'um amor essencialmente diffusivo, chamaes-lhe um coração generoso, um coração dedicado, um coração fraternal. Pois, logo, o que é a fraternidade? Esperae. . .

Senhores! O homem estudando-se á luz da natureza, e á luz da sua intelligencia, descobre n'um orbe resplandecente, formado pela condensação destas duas luzes, a imagem serena e maviosa da fraternidade, que lhe sorri, como extasiante visão do ceu.

A natureza, com effeito, é a mansão transitoria, architectada pelo Eterno, evidentemente no intuito de abrigar a humanidade, como uma só familia de irmãos. A todos cobre uma e a mesma abobada crystalica dos ceus, e o Paó celeste para todos accende, e faz espargir sobre todos sem distincção os raios d'uma e a mesma lampada prefulgente do sol; e, todos emfim, se assentam á meza d'um e o mesmo banquete, subministrado por um e o mesmo seio fecundo da terra.

Consequentemente a natureza, com a sua voz muda mas expressiva, não cessa de pregar-nos — *Vós sois todos irmãos!* — E a este brado desportase logo outro igual no intimo do nosso ser, porque, em verdade, penetrando-nos á luz, embora pallida e amortecida, da nossa razão, descobrimos aclearadamente, que o Creador a todos animara com uma e a mesma insuflação divina dos seus labios, a todos insculpira radiosa n'alma a sua imagem augusta, para que melhor nos pudesse amar revendo-se n'ella, e a todos fez livres nas suas acções, como Elle é livre nos seus actos, immensos nos seus desejos, como Elle é immenso em sua grandeza, immortaes em seus destinos com Elle é immortal na sua existencia, e soberanos no pequeno dominio do coração, como Elle é soberano do immensuravel dominio do universo.

Não ha, pois, que duvidal-o: de todas as espheras da natureza, e das intimas profundezas do nosso ser irrompe, em notas accordes, harmonico, magestoso e solemne o hymno enlevante da fraternidade.

Nunca, porém, senhores, a natureza

e a razão lograram, por si sós, impulsar o homem a traduzir na vida pratica a fraternidade, que tão eloquentemente lhe inculcava e lhe apregoam. Nunca! E, se quereis a prova, voltei, por um momento os olhos a esse desgraçado mundo do paganismo, que se nos emerge da noite dos tempos, como o mais revoltante dos insultos e a mais cruel das irrisões á fraternidade. Ah! un tristissimo phenomeno se apresenta por toda a parte ás vistas do observador attento: o homem odiando o homem! E quando os historiadores, os poetas e os moralistas d'esse mundo, aliás tão altivo das suas luzes, encontram dous homens, que se amam no sentido generoso da palavra, param surprezos para contemplarem o gosarem este raro espectaculo, como o viajante para contemplar o vigor e gosar a frescura d'um *oasis*, que se lhe depara nos adustos arcaes do deserto.

Que mundo, que desgraçadissimo mundo aquelle! . . .

Escravidar para reinar, e reinar para tyrannisar, era o seu lemma; e o egoismo, executor desentranhado d'osse lemma infamissimo, campeava de frente enramada de loiros, exalçado até ás honras da apothecose, dominando tudo, espinhando tudo, e reduzindo o mundo a um immenso ergastulo, e a humanidade a uma agglomeração de raças petrificadas em vil abatimento.

Não, senhores, repito: nem a natureza nem a razão, ainda esclarecida pelas luzes das mais apuradas civilizações, puderam nunca, por si sós, implantar nas sociedades a maravilhosa harmonia da fraternidade. E' necessaria uma força mais alta e mais poderosa, uma força superior a nós mesmos, para que o movimento fraternal suplante e se prevaleça do movimento egoista, que actua pujantemente no coração humano. E essa força advencionos, baixou, n'uma torrente d'amor fraternal sobrenaturalisado, das eminencias mysteriosas da Redempção.

O divino Martyr levou para cima do seu leito de dôres todos os privilegios, todas as tyrannias, todas as oppressões sociaes; e quando Elle na hora extrema, inclinada a frente para a humanidade, e para ella estendidos os braços como para imprimir-lhe o osculo da paz e estreital-a toda n'um immenso amplexo d'amor, soltava, emfim, o seu espantoso *consummatum*, esse *consummatum*, e a natureza abalada a conclamal-o, a brados altiloquentes, em todos os angulos da terra, foi, de véras, foi o pregão solemne, solemnisimo, da fraternidade universal.

Ave Crux! Salve, lenho sagrado! Eu me curvo reverente adorandote, en-

tre jubiloso e commovido, como a signa augusta da Redempção; e, outra vez, eu me curvo saudando-te no apuro d'um santo enthusiasmo, como o labaro glorioso da verdadeira fraternidade social. Ah! que vejo eu para além de ti, labaro beindito? Vejo o homem escravo do homem, morrendo para diversão do seu senhor! Vejo-o, porque é mais fraco, tornado victima do mais forte, e por elle empobrecido, agrihoado, e condemnado a comer o pão negro do paria, e a fugir espavorido da sua propria sombra!

Vejo-o ornar como trophéu a estrada dos vencedores, que passam por cima d'elle com desdem as rodas ensanguentadas do seu carro de guerra! Vejo-o immolado nos circos em mil hecatombes, o obrigado a suadar por entre os estertores do morte cruelissima, a fer e a impassivel dos autocratas da velha Roma! Vejo o trabalhar sob o azorrague, com a grilheta aos pés e o suor na frente, para levantar as pyramides colossaes do Egypto e os soberbos palacios de Scosotris, em quanto que para elle não ha um abrigo miserriño sobre a terra! Vejo, enfim, um vasto e lugubre cemiterio, regado de lagrimas, semeado de montões d'ossadas, e entrecortado de charcos de sangue fraticida! Porém depois que tu foste alevantada no Golgotha, ó Cruz salvadora, depois que o Filho do homem por todos exhalou em ti a vida entre suspiros e ais, acabaram-se as desigualdades, as prepotencias, as es-

cravidões, porque todos poderam ler em teus braços o segredo de se amarem sem distincção de raças, de convicções, ou meritos, assim como Elle nos amou a nós. Avé! Salve, arvore sacratissima! Onde quer que tu estandes os teus ramos sempre viridentes, e floreas os teus jasmims do céu, e prodigas os teus fructos divinos, abrigas sempre á tua sombra um povo todo d'irmãos! Salve! ainda uma vez, ó Cruz preciosissima, signa augusta da Redempção, labaro glorioso da verdadeira fraternidade social, salve!

Que é, pois, a fraternidade, senhores? Agora já podeis definil-a com acerto.

Não é o exclusivista intransigente a dispensar sorrisos e valimentos somente aos que perfilham as mesmas ideias, se inscrevem no mesmo gremio, ou militam sob a bandeira do mesmo partido: isso é egoismo, que não fraternidade. Não é o mimoso da fortuna atirando indifferente a esmola ostentosa ao scio faminto do pobre, só com a mira de captar applausos ou de lhe busejarem propicias as auras populares: isso é egoismo, que não fraternidade. Não é o pobre a olhar invejoso

abnegado. Sublime sacrificio! O templo é o universo, os lumes a razão, o coração é a victima, e o altar é a Cruz. Sublime sacrificio!

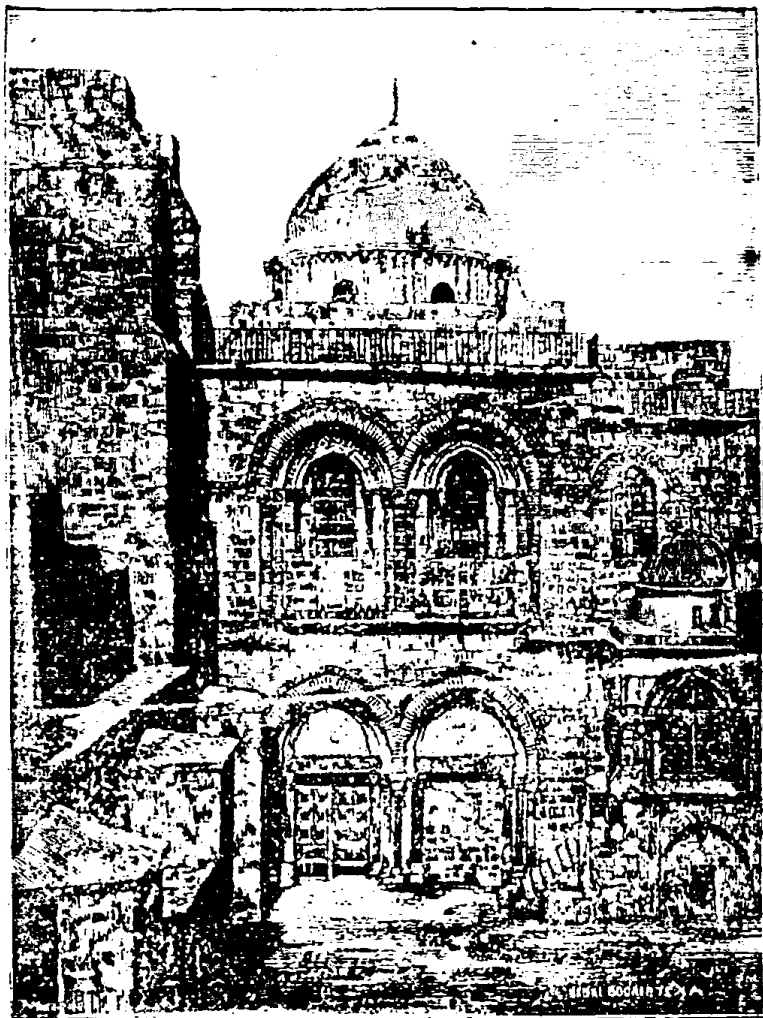
O universo, como por vezes se tem dito, é o templo magestoso que celebra a immensa gloria de Deus. Os céos são a abobada arrojada d'esse vastissimo templo, o sol é a lampada suspensa da cupula do sanctuario, as luzes são as estrellas, o incenso o perfume das flores, e os hymnos—esses escutae-os no trinar das aves logo ao abrir da manhã, no ciclar da briza, no marulhar do rio, no estalar da onda que se debate tumente contra a roca cavada da praia, e até no mysterioso silencio do deserto interrompido, de quando em quando, pelo rugir assustador da fêra indomita.

Templo que proclama gloria a Deus, o universo tambem proclama expressivamente, como ha pouco vos demonstrei, paz, união, harmonia, fraternidade entre os homens. E se o universo a proclama, a razão persuade-a, como egualmente fica demonstrado, esclarecendo nos—com os seus lumes a semilhança verdadeiramente fraternal, com que sahimos das mãos do Creador. Não basta, todavia.

O templo está convenientemente adaptado, e as luzes scintillam accesas para se proceder ao sacrificio; mas quem hade resolver a victima, quem persuadirá o coração humano, esta coisa tão altiva e tão cheia de si, a sacrifi-

car-se e a morrer para si mesmo? Animo! ali está o altar, ali está a Cruz. N'ella escreveu um Deus com o seu proprio sangue: Abnegae-vos, e sede irmãos! Amae-vos, como eu vos amei a vós. *Sicut dilexi vós!* Em vista de seme lhante espectáculo o coração estremece, e o egoismo sente-se confundido: mas não é tudo ainda.

Da Cruz deslisa-se uma força mysteriosa, attrahindo o coração para o sacrificio generoso do eu, e impulsando-o para elle com uma especie d'impulso phisico, á maneira da força com que Deus projectara o primeiro planeta na immonsidade do espaço. F'



EGREJA DO SANTO SEPULCHRO

para o fausto da opulencia, corroendo-se lá dentro por não ver a todos nivelados com elle, comendo o mesmo pão de rala, trajando os mesmos andrajos, e revolvendo-se na mesma possilga: isso é egoismo, que não fraternidade. Não é o proletario a conspirar nas trevas contra o que elle chama as intoleraveis desigualdades sociaes, aspirando, no entanto, a ser tambem uma d'ossas desigualdades, por que, se conspira, é porque as ambiciona: isso é egoismo, que não fraternidade.

Senhores, a fraternidade bem entendida é o amor sacrificado ao amor, é o amor egoista sacrificado ao amor

a graça que vem secundar as lides da natureza, e conferir-lhe a corôa da victoria. Então sim, exultae! já não ha reluctancias: o coração submete-se ao sacrificio como o paciente cordeiro; o egoismo é inexoravelmente immolado; a fraternidade, a genuina fraternidade, pura, purissima, sem mescla, toma posse do homem, e do homem deriva-se para o meio social, aromatizando-o com as perfumosas inhalações do seu amor abnegado, o fazendo d'elle com as suas harmonias quasi celestes, quasi que empyricas, uma gigantesca lyra animada, ou melhor, um grandioso concerto indescriptivel de notas vivas. Então sim, exultae! Sacrificado o egoismo, e predominante o amor abnegado, já não ha systemas do orgulho, nem interesses da ambição, nem paixões turbulentas a profligarem-se, a debaterem-se incessantemente no campo social, e a converterem-n'o n'uma arena revolta de luctas dissolutivas e esphaceladoras. Então sim, exultae! já não ha na estrada da vida quem atropelle e espesinhe, em procura de tudo quanto importa ás riquezas, ao prazer e ás honras, para se tornar superior aos outros; nem ha, tão pouco, quem modeste emprehendimentos inhumanos, em que a fortuna dos grandes multiplica fatalmente á custa da miseria dos pequenos. Então sim, exultae! já não ha quem especule com as adversidades e crises tormentosas da existencia, porque as desditas d'un são lagrimas para o coração de todos; nem ha lagrimas choradas no ermo do abandono, porque o affecto de todos acode sempre com balsamos salutaes ás dores de cada um. Então sim, exultae! já não ha para que fundir e raiar artilherias, couraçar naus, ou multiplicar tiros no revolver; o genio da guerra descança tranquillo e descuidoso á sombra da oliveira da paz, porque os povos, federalizados na doce alliança intima dos corações, ostendem-se as mãos, crusam as bandeiras, condensam as forças e o poderio para conjurarem, unidos como um só homem, todos os elementos perturbadores da ordem e da harmonia universal, á semelhança do vigoroso cedro que enlaça os seus frondosos ramos e forma uma copa cerrada e espessa, com que resiste impassivel aos queimores do sol, ao açoite do granizo, e á furia da tempestade. Então, sim!

Oh! applaudi-a, senhores! Eis ahí a fraternidade! Eis-a, em toda a profulgencia o candura do divino ideal do Evangelho! Applaudi-a, que é justo. Só ella é que pôde objectivar, em toda a sua realidade esplendorosa, o aureo sonho do seculo deslenove; só ella é que logrará plantar no mundo

esse decantado paraíso terreal, que elle nos affiança no porvir. Eis-a! applaudi-a; e fique-vos indelevelmente gravada na memoria — é o sacrificio do egoismo, e o predominio do amor abnegado; sacrificio feito em prol de todos sob as aras da prosperidade social, por virtude e graça d'Aquelle, que por todos se sacrificara sobre a ura sacrosanta da Cruz.

E se a fraternidade é assim, quem melhor a comprehende e exemplifica do que o sacerdote catholico?

(Conclue.)

SECÇÃO HISTORICA

D. Duarte Rei de Portugal

TODAS as vezes que lemos a historia da monarchia portugueza e paramos deante de D. Duarte, não podemos deixar de admirar este grande rei, talvez o mais excellente de todos que empunharam o sceptro de Portugal.

Effectivamente o nosso paiz possui uma serie de soberanos gloriosos, entre os quos fulgurará o vulto venerando do successor de D. João I, o sabio e virtuoso rei D. Duarte.

Foi eminentemente em todas as artes militares e civis, e dotado das mais bellas qualidades do espirito e do coração.

O sr. Pinheiro Chagas com rasão enumerou este magnanimo rei no catalogo dos *Portuguezes illustres*.

E dis o seguinte:

«Filho mais velho de D. João I, D. Duarte o *eloquente*, que nasceu em Vizeu no dia 31 d'outubro de 1391, succedeu-lhe no throno, aos quarenta e dois annos de idade. Sabio, valente e bom, só uma qualidade lhe faltava, a energia, e essa falta bastou para que o reinado fosse desventuroso.»

Todos os historiadores são accordes em affirmar que o reinado de D. Duarte não foi prospero: foram cinco annos cheios de dissabores, pesares e reveses. E todos tambem confessam as virtudes que adornaram este rei.

Enquanto á falta de energia, divergem os auctores, e, se bem considerarmos as circumstancias, parece que lhe devemos negar essa falta que alguns lhe attribuem, e que está em contradição com os factos da historia e com as outras qualidades do nosso undecimo monarcha.

E' certo, porem, que o ephemero reinado de D. Duarte foi cheio de desastres.

E' assim a alternativa das cousas humanas. No reinado de D. João I houve dias felizes para a nação portugueza; deviam succeder tempos infelizes e tristes.

E, todavia, D. Duarte foi um excellente principe, um bom homem.

Antes de cingir a corôa preparou-se com os sacramentos da confissão e communhão, como o meio mais efficaz para bem reger os seus povos.

Escolheu para a cerimonia da aclamação o dia 14 d'agosto de 1433, vespera da festividade da Assumpção de Maria Santissima.

O seu medico particular chamado o mestre Guedelha, judeu de nascimento, pretendeu desviar o rei de assumir a corôa n'esse dia, dizendo que eram horas infestas e que prognosticavam um reinado desastroso.

Jupiter cae retrogado, dizia o celebre astrologo Guedelha, e o sol é descuido, e isto sem contar ainda outros signaes maus que o ceu apresenta, e que denotam infelicidade certa.

Mas D. Duarte respondeu sabiamente o seguinte:

«Sei muito bem, mestre Guedelha, que vossos reccios nascem do grande amor que me tendes; não descubro a excellencia da astrologia, e, reconhecendo a sujeição dos corpos inferiores nos celestes, sobre todas as cousas acredito no poder de Deus, e que d'elle dimanam todas as cousas; e porque o cargo, que vou occupar, é de Deus, com esperanza do seu auxilio o tomo, encomendando-me juntamente á bema-venturada Virgem Maria, sua Mãe e Senhora Nossa, cujo dia é, pedindo a ambos me queiram ensinar e favorecer.»

Daqui se deduz o alto saber e o espirito religioso d'este rei que, superior aos desvarios d'uma superstição tão arreigada no seu tempo, a astrologia judiciaria, conflava unicamente no poder de Deus e se entregava á divina Providencia.

Com tales auspicios inaugurou o seu reinado, e, todavia, verificou-se a predicção de mestre Guedelha; porque succederam as calamidades vaticinadas!

Ha ainda outro facto que patenteia o caracter de D. Duarte.

Quiz elle que, terminada a cerimonia da aclamação, se queimasse na sua presença algumas estopas, para lembrar que as glorias e pompas do mundo são de pouca duração. Mas o Bispo de Evora, D. Vasco Perdigão, julgou desnecessaria esta cerimonia.

Em seguida convocou còrtes em Leiria, que foram continuadas em Santarem, onde foi jurado pelos tres estados do reino, e ouviu e attendeu a todos os requerimentos dos representantes dos povos.

Tratou seus subditos com maneiras tão cortezes, que alcançou lograr o amor de todos os portuguezes. Conheceram elles que tinham em D. Duarte um rei bondoso, um pae excellente.

E' admiravel o modo como começou a cuidar dos negocios da administração publica, principalmente nos de justiça e fazenda. Primeiro que tudo consultou, verbalmente e por escripto, os homens mais illustrados do reino, e procurou regular a despeza da sua casa, reduzindo-a á mais stricta economia.

Que procedimento tão louvavel e tão digno de imitação.

Determinou que junto á sua pessoa assistissem um infante, um conde e um bispo, para participarem dos trabalhos relativos á administração publica. Serviam por espaço de tres mezes, sendo depois substituidos por outros da mesma ordem ou hierarchia.

Que singular e importante regularmente que sempre se observou rigorosamente durante o reinado de D. Duarte!

No anno de 1435 mandou este religiosissimo monarcha uma embaixada ao concilio de Basilea, que então se celebrava, e que depois se transferiu para Florença. Foram embaixadores, entre outros, o conde de Ouren, o Bispo do Porto, D. Antão Martins de Chaves, e os doutores Vasco Fernandes de Lucena, Diogo Affonso Mangaancha e Frei João Thomé, religioso de Santo Agostinho.

Esta luzida embaixada representou dignamente n'aquella assemblea a sincera orthodoxia do soberano portuguez, sempre obediente ao legitimo successor de S. Pedro, Eugenio IV, contra o qual se levantaram os seismaticos de Basilea.

Por este motivo o Summo

Pontifice exaltou as virtudes d'el-rei D. Duarte, e lhe concedeu a graça de ser unguido e sagrado, bem como os seus successores, á maneira dos reis de França e Inglaterra.

Nunca, porem, os nossos reis usaram d'esta concessão.

Um rei tão glorioso, de tão bellas qualidades, era digno de melhor fortuna na expedição a Tanger que executou no anno de 1437. Foi contudo uma empreza desastrosa.

Os infantes D. Henrique e D. Fernando, irmãos d'el-rei, partiram com seis mil homens de armada, e cercaram aquella cidade da Mauritania. No fim de trinta dias de cerco renderam-se os portuguezes ao poder mahometano. D. Henrique viu-se obrigado a comprar a vida de todos com a promessa de se entregar Ceuta aos mouros, ficando em refens o infante D. Fernando.

El-rei D. Duarte, em extremo angustiado com este successo, convocou còrtes onde se decidiu que de modo nenhum se entregasse Ceuta, e se procurasse livrar do captivo, por outro meio, o valoroso infante D. Fernando. D'esta opinião tambem foi o Papa Eugenio IV, e até o mesmo D. Fernando que santamente falleceu captivo, entre cruéis martyrios.

D. Duarte, triste, amargurado, com os soffrimentos do seu irmão, não tardou a descer á sepultura, o que succedeu a 9 de setembro de 1438.

Consta que ao dar o ultimo suspiro o dia se transformou em noite escura. Todo o reino lamentou sinceramente a morte d'este bom rei, um dos melhores que teve Portugal.

E' chamado o eloquente, porque foi o pae da prosa portugueza. O seu livro do *Leal Conselheiro*, contendo maximas purissimas, é o primeiro livro de boa prosa que em Portugal se escreveu. Como homem D. Duarte era formoso, elegante, valente, robusto, um dos melhores cavalleiros do seu tempo.

Foi grande caçador, mas sempre preferiu o cumprimento dos seus deveres aos divertimentos. Terno, benigno, justo, nunca mentiu, nem faltou á sua palavra, e consta que por esta razão se inventou o proverbio—*palavra de rei*.

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

SECÇÃO CRITICA

Reincidentes

MR. GOMOT fez presente á Camara dos Deputados em França o seu Relatorio sobre *reincidentes* ou reincidentes no crime na referida Nação: começemos pela estatistica apresentada n'aquelle Relatorio:

Media annual dos reincidentes

1851 a 1855.....	34,901
1856 a 1860.....	40,255
1861 a 1865.....	40,890
1866.....	53,963
1867.....	59,303
1868.....	65,211
1878.....	70,170
1879.....	72,265
1880.....	75,508
1881.....	81,341

Estas cifras commentam-se a si proprias.

E' bem certo, que toda a vez que a cura não é radical no moral do homem, este fica enfraquecido e mais enfraquecido para que se resolva a novas desobediencias e assim a novos crimes, a novos peccados. O *systema penitenciario* promovido pela *escola moderna* e sustentado pelos *governos modernos*, é gravemente defeituoso, e aquella *estatistica* o prova á saciedade; o homem, que commette um crime e não se arrepende verdadeiramente, habilita-se para mais facilmente commetter o segundo; e assim por diante. O grande defeito do *systema penitenciario moderno* consiste em que por este se procura moralisar o homem mais pelo trabalho physico do que pelo trabalho moral: assim o antigo criminoso sahira da prisão um bom carpinteiro ou sapateiro, mas um menos robusto moralizado; lá *supra* estam as cifras que assim o provam; taes cifras são a respeito da França, porém a modo de exemplo pois que a *situação* se apresenta a mesma n'outras Nações *in genere*, embora taes ou taes variedades. «O *systema* ou antes a Doutrina Penitenciaria Catholica (cujo modelo certos criminalistas e certos governos só quizeram tomar *em parte*) é o completo e inteiro para a restauração moral do homem, e por isto seus resultados são completos, o que não é contradicto por algumas reincidentias pois que a *Perserverança* é uma virtude e nem todos os homens são virtuosos.

Tem sido formadas em França, e n'outras Nações, umas collectividades ou *Associações* com o fim de assistir os sahidos das prisões, pro-

curando que estes se não tornem *reincidentes* ou *reincidentes* no crime; *taes Associações*, antes *humanitarias* que *religiosas*, não têm produzido o resultado, que *certos homens* esperavam d'elles, e *Mr. Gomot* vae n'este conceito com relação à França e fóra de França; nós sustentamos, temos os argumentos especulativos ou doutrinaes e os factos, que nol-o provam; sem que digamos, que aquellas *Associações* tenham deixado de fazer algum bem, mas *algum* não é todo o bem desejavel e desejado, e possível. E porque as mencionadas *Associações* têm ficado muito áquem? por isso que se têm limitado a procurar aos *reincidentes* ou *reincidentes* (antes de o serem mas já tendo sido julgados, por sentença, *criminosos*, ou tendo já *recalhado*) a procurar-lhes, repetimos, meios de emprego de seus braços como meio de vida, porém sem sujeição a qualquer regulamento, que lhes exija a assistência ao ensinamento ou sustentação dos *Reforços* religiosos e moraes. Assim, as mesmas *Associações* como que secundam a notavel deficiência do *systema penitenciario moderno*, embora digam, que se propoem *só a uma parte*, mas é a *secundaria* e por isto mesmo não *prehenchem*, como está provado, nem na parte que miram. E' incontestavel ante o verdadeiro *Philosopho*, que o *Modernismo* é sempre mais ou menos defeituoso, por isso que elle tem sempre em vista affastarse ou regeritar a *Philosophia Catholica* que é *coroada* pela *Theologia Catholica*! Deus disse, com Deus diz a Sua Igreja! Mas o *Modernismo* quer dizer *por si*, e é assim que este se apresenta sempre *defeituoso* ou *dá com a cabeça pelas paredes*. A *Soberba* não foi nem pôde ser principio ou causa mesmo *secundariamente*, de acerto ou bem algum; a *Soberba* é a *Seiva do Modernismo*. O trabalho de *Mr. Gomot* veio mais uma vez provar o que *valem as modernices* com que se faz *tanta bulha*.

E' sempre a lembrar o *tunel vasto*, isto é, o *progresso moderno* de que nos fallou em boa critica certo *Philosopho allemão*.

Dom Antonio d'Almeida.

SECÇÃO LITTERARIA

Pensamentos quaresmaes

Lembra-te, homem mortal, que és do pó filho,
E que tens de voltar do pae ao seio,
Onde, de vermes e immundicia em meio,
Se esvairá do mundo o insano brilho!

Do vaidoso honras, faustos do casquilho,
De terrena grandeza o infindo aneio,
Um cadaver traduz putrido e feio,
Ao encetar da eternidade o trilho!

Os encantos são vãos da formosura;
Gloria, galas e pompas são loucura,
E os prazeres, fallaz embriaguez.

E' saber e eloquencia inanidade;
Das vaidades é tudo atroz vaidade,
Da morte ante a medonha hediondez!

*

Mas não, nem todo és pó: a mão do Eterno
Teu corpo modelou de grossa terra;
Mas esse corpo immortal alma encerra,
Centelha do infinito Amor superno.

Se a razão te offuscou crime paterno,
Da Redempção a luz trevas desterra,
Se das paixões é dura e infinda a guerra,
Vencedor, tens o céu; vencido, o inferno.

Trabalha por vencer. Seduz-te o mundo?
Mor ventura e belleza vê nos céos:
A terra é carcer lobrego e profundo.

Converte em gozo eterno os ferros seus;
As propensões contêm do corpo immundo,
E digno torna o espirito de Deus.

*

Como, se em torno a ti são tudo trevas,
Se de erro em erro o mal te precipita,
E se do vicio a seducção te excita
N'esse caminho lubrico que levas?

Como, perguntas? Basta que te atrevas
A ser christão, sentir a alma contrita,
A Bondade implorar doce, infinita,
Porque o perdão, a graça e a paz recebas.

Lava da culpa a lepra na piscina
Que a Igreja, mãe piedosa e não mesquinha,
Te abre com singular benevolencia.

Roja-te ao tribunal da penitencia,
E, feliz paralytico, à divina
Benção curvando-te, *ergue-te e caminha!*

*

E, oh! se souberas, desgarrada ovelha,
Quanto, co'a a ausencia, o bom Pastor feriste!...
Como, tornando, na sua alma triste
Reanimarás do jubilo a centelha!...

Na face ao meigo Pae que dor se espelha,
Quando, prodigo filho, lhe fugiste!...
Quanta em seu seio viva esperança existe
Da volta, que a miseria te aconselha!...

Ah! sem detença ao redil pois regressa!
Torna ao paterno lar, torna depressa.
Arrependido, confiado e forte!

E lá do céu na refulgente cõrte,
De Satanaz vencida a força infesta,
Dia será de esplendorosa festa!

Porto—março de 1885.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Os santos logares

(Continuado do n.º antecedente)

III

Jerusalem

JERUSALEM! cidade santa e venerada por deoito seculos, eu te saúdo!

Porque foste testemunha da demonstração mais festiva d'um povo, recebendo Aquelle que vinha em nome do Senhor! Salve, eu te saúdo!

Não tens os encantos de outrora, não és a rainha da Judea, porque tua coroa foi quebrada ao levantares o patibulo onde sacrificaste a Victima innocente, onde cravaste o Homem-Deus. Mas és ainda venerada, entre as mais veneradas cidades do Oriente, porque cada pedra, cada monte, cada caminho, cada arvore, é um logar santificado pelos divinos pés do divino Salvador. Os teus olivedos deram sombra ao filho de Deus, as lageas de tuas ruas foram a via por onde Elle fora arrastado á esplanada do Golgotha, e é por isso que tu és venerada por todos os catholicos. e por elles és visitada em devotas romarias.

Não és a cidade opulenta que foste, porque a maldição do Senhor pesou um dia sobre teus muros, e, derruindo-os, fez de ti um monte de ruínas, sobre as quaes o anjo da destruição bradou ás gerações: — aqui foi Jerusalem.

A actual cidade de Jerusalem, que a nossa gravura representa, terá uma população de 20 mil habitantes, e está sob o dominio turco, residindo ali um governador militar, um patriarcha latino, um grego e um harmenio. Ha em Jerusalem muitos conventos de frades e freiras.

A. Moreira Bello.

Sete portas dão entrada para a cidade, edificada sobre os montes Sion, Acra, Moriah e Bezeth, sendo o seu bairro mais populoso o do monte Acra, onde está o Santo Sepulchro, a piscina d'Ezechias e a porta Judiciaria onde fôra afixada a condemnação de Jesus Christo.

IV

A Igreja do Santo Sepulcho

DEPOIS que no Calvario se fizera a luz, que todos os seculos havia alumiar, e que o corpo de Jesus, depois de descido do madeiro, até então infamemente, se escondera no sepulchro que corações piedosos lhe offertaram, ficou sendo este logar, da sepultura do corpo sacratissimo do Salvador, o sitio de mais veneração para os catholicos. E tanto quis a piedade christã mostrar o seu amor para com Aquelle, que ao mundo viera para operar o universal resgate, que lançaram os fundamentos de um templo que é o assombro das gerações, se ergue imponente em meio de um paiz de infleis assistindo diariamente ás manifestações dos povos de todo o mundo em prol da divindade de Jesus Christo, da religião tres vezes santa por Elle ensinada.

O vasto templo do Santo Sepulcho está edificado sobre duas rochas, uma das quaes recebeu o sangue que espadanou do corpo do Redemptor, e outra que serviu de sepultura ao divino corpo. A igreja propriamente dita está no centro e em volta admiram-se 15 capellas sob diversas invocações, confladas a diversas comunidades religiosas.

A actual basilica não é a construida por Constantino, pois que esta, quando Chosroés, rei da Persia entrou em Jerusalem a destruiu; a que hoje existe, e

de que damos a reprodução na segunda gravura d'este n.º foi reedificada por Modesto, bispo de Jerusalem.

Foi este templo vastissimo visitado por varios principes christãos, e grandiosas foram as doações que lhe fizeram. Portugal lá está tambem representado se é que está ainda, por soberbas alampadas de subido valor que nossos antigos reis para ali enviaram; porque os nossos antigos reis tinham a fé por brasão, e a veneração pela Igreja, como um dever.

Para prova do que deixamos dito sobeja o que nos diz o *Paraiso Seraphico*, que o dinheiro enviado de Portugal e de que existe nota no cartorio dos religiosos da Terra Santa, unicamente durante os annos de 1664 a 1733, sommava 376:807\$640 rs.

Aqui tem os nossos leitores com o os antigos reis portuguezes gastavam o dinheiro do povo, que então pagava nada, comparado com as contribuições de hoje, verdadeira expoliação feita a um povo vergado ao pezo do trabalho. 376 contos dá hoje Portugal a algum *patriota* eximio, quando lhe alcança um emprestimo, ruina da patria, e abysmo onde hade afundar-se esta nação que foi grande.

De Jerusalem, e da basilica do Santo Sepulchro, mal pôde fallar-se em tão curto espaço, como nós o fazemos. Se um dia tivermos occasião de outra vez nos occuparmos d'este assumpto o faremos mais minuciosamente. R.

RETROSPECTO DA QUINZENA

FSTIVERAM em Guimarães, e fizeram-nos a honra da sua visita o Exc.º Sr. Luiz de Carvalho Pinheiro, respeitavel cavalheiro do concelho de Santo Thyrsó, catholico verdadeiro, e o Rev.º Sr. P.º Antonio Joaquim da Costa Magalhães, ambos assignantes do *Progresso Catholico*, e amigos, por isso, de todas as prosperidades d'este Centro de propaganda. A ambos, os nossos agradecimentos.

Do discurso que o nosso Santo Padre o Papa pronunciou em 3 do corrente, e que não podemos transcrever na sua integra, reproduzimos o seguinte trecho, que mostra a amargura do Pae commum dos fieis, e o estado de oppressão em

que vive o maior, o mais respeitavel, o mais digno dos monarchas.

Escutemos a voz do Papa:

«O que nos afflige é ver em muitos reinos e nações desconhecida a Igreja, calumniadas as suas santas intenções, combatida a sua missão pacifica, destruidas as suas instituições mais salutaras, rejeitados emfim os seus beneficios, embora seja principalmente da Igreja que se deva esperar a salvação da sociedade actual.

«O que augmenta ainda mais a minha magua é a condição em que o papado se acha em Roma, condição que propagando-se, se torna cada vez mais difficil e cruel. Os que affirmam que o Papa se pôde conformar com o estado actual reúnem a todas as outras iniquidades o escarnio e o ultrage, porque é um facto evidente que na situação existente estamos em poder d'outrem que a cada instante pôde se quizer fazer pesar sobre nós a sua inimidade. Quem nos garante, pois, que elle não chegue até ás portas do Vaticano, violando este? Mas, á parte isso, onde está a liberdade do Pontífice no governo da Igreja?»

Está prisioneiro ou não está o Santissimo Padre? Peza ou não a Revolução sobre a liberdade da Igreja? Sô os inimigos do Papado, os filhos degenerados da Igreja o podem negar; a liberdade ao Papa, porém, ha de ser dada porque Deus vella por Elle, e quando Napoleão I. o dominador da Europa teve de curvar-se diante do Papa, como o não ha de fazer o carcereiro de Leão XIII, que é nada comparado com o vencedor de Marengo?

Esperemos em Deus.

Mais outra abjuração!

O filho primogenito do principe de Thess. João Henrique XV, um dos mais ricos proprietarios da Silesia, acaba de abjurar o protestantismo entrando na Igreja Catholica. O joven principe é official de *hussards* da guarda real prussiana.

Dá-se esta noticia de presente a muitos meninos fardados, que estrivam a sua *bravura* em rir dos actos do culto catholico.

O valente campeão da causa catholica e nosso esclarecido collega de Angra do Heroísmo, o *Catholico* publicou um supplemento ao seu n.º 187, tarjado de preto em signal de sentimento, por haver reaparecido n'aquella cidade o infamissimo pasquim o *Athleta*.

Cobriu-se de lucto o nosos valente companheiro e de luctose de-

vera cobrir toda a gente de Angra, que se prese de catholica, e séria.

Damos ao nosso collega os parabens pela maneira forte e destemida com que combate a má imprensa, o maior e o mais perigoso canchro que corroe e tenta matar a sociedade actual, e aos catholicos angrenses pedimos façam toda a guerra ao impio *Athleta*, não o admittindo em casa, pedindo ás pessoas amigas que o não admitam tambem e promovendo-lhe guerra de morte, mas guerra franca, publica, porque o combate contra a má imprensa é o combate por Deus, pela sociedade, pela familia, pelas leis, pelas instituições.

Contra o *Athleta*, pois, todos que vos presaes de catholicos.

O mais alto e poderoso senhor que, sob a invocação de *Chagas*, domina em terras onde outr'ora as *Chagas* de Jesus imperavam, acaba de dar-nos mais uma prova da cobardia e irreligiosidade dos governos d'esta nação.

O Sr. Santos Viegas, deputado, censurou dias ha, na camara a que pertence, o governo pela protecção concedida em Angola a missionarios protestantes, quando nada ou quasi nada se tracta dos missionarios catholicos.

Marinheiro *Chagas*, que de *chagas* vae deixando cheia a sua vida de ministros, disse, disse, . . . disse o seguinte: «que os missionarios protestantes a que se referia o Sr. Santos Viegas se tinham estabelecido, ha muito tempo, no districto de Benguella, onde viviam pacificamente; mas que tendo sido, havia alguns mezes, violentamente expulsos e espoliados dos seus haveres pelo Soba da localidade, e queixando-se d'isso á auctoridade portugueza em cartas escriptas nos jornaes *inglezes*, o governo, para que se não dissesse que missionarios estrangeiros não achavam hospitalidade e protecção em territorio portuguez, procurara dar-lhes satisfação dos aggravos, que haviam recebido.»

O Sr. de *Chagas* abriu, passadô 50 annos o código por que se rege este malladado paiz, com respeito á Igreja. E por esse Código se vê, que, se quando o *Soba* portuguez expulsou e espoliou os frades, estes se queixassem em cartas escriptas nos jornaes *inglezes*, ou d'outra nação, que ao *Soba* podesse ministrar uma boa sôva, a cousa, certamente assim não ficaria; mas como os espoliados se callaram, o *Soba* ficou na sua *quinta*.

E o amor do Snr. *Chagas* pela hospitalidade aos missionarios estrangeiros! Da-se-lhe hospitalidade por serem protestantes, que, se fossem catholicos, que viessem para territorio portuguez a cousa era mais séria; então as tropas eram chamadas a quartéis, a artilheria de muralha acceso esperaria o primeiro grito, como aconteceu quando os frades francezes queriam vir para Portugal.

Em conclusão: o governo portuguez é anti catholico.

Pelo snr. Ernesto Chardron, do Porto, foi-nos enviado o seguinte:

«Snr. redactor.

Rogo a v. o particular favor de reproduzir, na gazetilha do seu estimavel jornal, a seguinte noticia:

Diccionario de educação e ensino

Está no prelo e será distribuida ainda n'este mez a 1.ª caderneta d'esta utilissima e importante publicação.

Esta nova edição, na qual serão suprimidos alguns artigos da primeira que não offerecem immediata applicação para o ensino, será consideravelmente augmentada com cerca de 1:400 paginas de artigos novos, instantemente reclamados pelas necessidades quotidianas das escolas, a maior parte extrahidos do notavel «*Dictionnaire de Pédagogie*», de Buisson, que, com a collaboração das maiores authorities pedagogicas, está sendo publicado em França.

Apesar das idéas apresentadas no grande «*Diccionario de Buisson*» serem perfeitamente consentaneas com as justas exigencias do espirito religioso, que muito convém acatar na educação, todos os artigos de religião da nova edição portugueza serão revistos pelo illustrado sacerdote Arthur Brandão, distincto redactor da «*Voz do Christão*».

Agradeço sinceramente desde já. Porto—Março de 1885.

O edictor, *Ernesto Chardron*.

Não conhecermos da competencia do snr. padre Brandão para limpar o *Diccionario* em questão, mas aguardamos as primeiras cadernetas e com a sua leitura, e escutada a opinião dos nossos collegas da imprensa catholica do paiz, ajuizaremos então, e esse juizo o manifestaremos francamente a nossos leitores.

No respectivo lugar vae o annuncio, para o qual enviamos os leitores.

J. de Freitas.